

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Brad Lubman direcção musical
Digitópia projecção

10 Fev 2023 · 21:00 Sala Suggia

INVICTA.MÚSICA.FILMES



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA





Maestro Brad Lubman sobre o concerto.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



La chute de la maison Usher

CINE-CONCERTO

Baseado no conto de **Edgar Allan Poe**

Jean Epstein filme (1928)

José María Sánchez-Verdú música* (2019)

Duração: 65 minutos

Tradução: Carla Basto

*Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música, Settimane Musicali di Stresa e Real Filharmonía de Galicia.

La chute de la maison Usher

FRANÇA, 1928

A década de 1920 foi extraordinariamente rica para o cinema. Enquanto os filmes clássicos de Hollywood estabeleciam o seu domínio comercial um pouco por todo o Ocidente, tomando partido do declínio da produção cinematográfica europeia durante a Guerra, novas escolas e correntes cinematográficas surgiam noutros países, em parte em reacção a esse mesmo domínio norte-americano. Três dessas correntes seriam particularmente marcantes: o Impressionismo Francês, o Expressionismo Alemão e a Montagem Soviética. Em contraste com a tendência, até aí predominante, de encarar o cinema como meio de entretenimento e produto comercial, todas essas correntes assumiam uma atitude mais experimental e vanguardista, com fortes ligações aos movimentos modernistas noutras artes. Acima de tudo, tomavam explicitamente o cinema como uma forma de arte — o que não significava que colocassem inteiramente de parte considerações económicas e comerciais (no cinema, aliás, tem sido sempre ténue a fronteira entre arte e entretenimento).

O filme que hoje vemos — *A Queda da Casa de Usher* (1928) — é algo híbrido ao nível estilístico. O realizador, Jean Epstein (1897-1953), é um dos representantes maiores do cinema impressionista francês mas, tal como afirmam David Bordwell e Kristin Thompson, este filme em particular “combina técnicas de filmagem impressionistas com elementos cenográficos expressionistas de modo a criar um tom estranho e assombroso”. Esses elementos expressionistas estão em sintonia com a narrativa gótica de Edgar Allan Poe (1809-1849) em que o filme se baseia (o argumento do filme combina, na verdade, elementos de várias narrativas de

Poe: não só *The Fall of the House of Usher*, mas também *The Oval Portrait*, *Ligeia* e *The Pit and the Pendulum*). O filme de Epstein evoca também, em muitos momentos, ambientes próximos do horror expressionista de filmes como *Nosferatu* (1923), de F. W. Murnau (1888-1931). Nessa combinação de elementos impressionistas e expressionistas, não é exemplo único: já em *Don Juan et Faust* (1922), o realizador impressionista Marcel l'Herbier (1888-1979) havia recorrido a um guarda-roupa e uma cenografia expressionistas nas cenas protagonizadas por Fausto; e, no mesmo ano, em *Die Straße*, o realizador expressionista Karl Grune (1890-1962) utilizara sobreposições de imagens para mostrar as visões do protagonista, recorrendo, nesse particular, a uma técnica tipicamente impressionista.

Um dos aspectos centrais do estilo impressionista era a tendência para utilizar as técnicas cinematográficas como forma de exhibir e amplificar o ponto de vista subjectivo das personagens, mostrando-nos frequentemente imagens mentais como visões, sonhos ou memórias. A técnica da sobreposição de imagens (já mencionada a propósito de *Die Straße*) era particularmente recorrente: por exemplo, em *Feu Mathias Pascal* (1926), um outro filme de Marcel l'Herbier, vemos ao mesmo tempo o protagonista (enquanto viaja de comboio) e aquilo em que ele está a pensar (uma série de imagens da sua aldeia e da sua família). Noutros casos, o ponto de vista distorcido de uma personagem (associado à sua loucura, embriaguez ou estado emocional extremo) vem sugerido por planos oblíquos, pelo uso de lentes desfocadas, pelo recurso à câmara lenta, por imagens filmadas através de um espelho distorcido ou por movimentos repentinos da câmara. Encontram-se várias dessas técnicas em *A Queda da Casa de Usher*: por exemplo, na cena dos relógios,

já na parte final do filme, em que as imagens desfocadas e sobrepostas sugerem tanto a presença de uma força sobrenatural, como a desorientação emocional do protagonista.

Um outro aspecto importante da estética impressionista era a ênfase no ritmo das imagens cinematográficas. De acordo com a realizadora e teórica Germaine Dulac (1882-1942), uma das figuras principais do movimento, “pela escolha das imagens, pela sua duração e pelos seus contrastes, o ritmo torna-se a fonte única da emoção”. Uma das formas pelas quais essa ênfase rítmica se traduzia nos filmes impressionistas era o recurso a uma montagem extremamente rápida, procurando sugerir o estado mental perturbado de uma dada personagem. Por exemplo em *La Roue* (1923), um filme realizado por Abel Gance (1889-1981), a confusão emocional de Elie é sugerida por uma sucessão extremamente rápida de planos, cada um deles contendo um só fotograma. Os espectadores eram, assim, bombardeados com 20 imagens descontínuas num só segundo, ficando eles próprios atordoados e confusos. Um outro filme de 1923 com montagens extremamente rápidas é *Couer Fidèle*, de Jean Epstein. Na *Casa de Usher*, encontramos segmentos desse tipo em várias cenas: por exemplo, no momento altamente poético em que as imagens do protagonista, Roderick Usher, a tocar guitarra são rapidamente justapostas com estranhas imagens da natureza, alternando planos do que parece ser um lago e uma floresta.

Para os realizadores impressionistas, esta ênfase rítmica traduzia uma forte afinidade do cinema com a música. Na sua tentativa de definir a especificidade do cinema como forma de arte autónoma, estes autores distanciavam-no do teatro e da literatura, recorrendo, em vez disso, à música como modelo conceptual para definir a nova arte. Abel Gance, por

exemplo, definia metaforicamente o cinema como “a música da luz”, dizendo que havia dois tipos de música (a outra era a “música do som”, ou seja, a música propriamente dita). De acordo com Germaine Dulac, “o filme puro que todos sonhamos fazer é uma sinfonia visual de imagens rítmicas”, enquanto para Émile Vuillermoz (1878-1960), um crítico cinematográfico associado ao movimento impressionista, “na composição de um filme encontramos as mesmas leis que governam a composição de uma sinfonia”.

A musicalidade intrínseca dos filmes impressionistas parece convidá-los naturalmente a um complemento musical. Isso mesmo é reconhecido por **José María Sánchez-Verdú** (n. 1968), o compositor andaluz autor da nova banda sonora, composta em 2019, que hoje ouvimos a acompanhar o filme. Numa entrevista publicada a 5 de Fevereiro de 2020, depois da sua apresentação num cine-concerto em Santiago de Compostela, o compositor afirmou que o que mais o interessava eram “aspectos relacionados com o pensamento [de Epstein] como filósofo e realizador de cinema, acima de tudo no que dizia respeito ao uso do tempo e da montagem, na sua reflexão sobre como criar uma montagem de imagens em diferentes *tempi*”, acrescentando que “em Epstein tudo isto é algo de *absolutamente musical*”. Um dos aspectos mais interessantes da composição de Sánchez-Verdú é, assim, o modo como responde musicalmente às sequências de montagem rápida presentes no filme, algo notado por Paco Yáñez, o autor da entrevista acima citada. Yáñez refere-se, em particular, à cena já mencionada em “que se sucedem de forma frenética as imagens do lago e das árvores”, observando que, nesse ponto, “a música avança vertiginosamente em várias camadas”. Um

outro exemplo é quando o cadáver de Madeleine Usher é levado “até ao cemitério, com as imagens que Epstein sobrepõe a terem o seu correlato nos diferentes *tempi* simultâneos da orquestra”.

A partitura de Sánchez-Verdú não se relaciona apenas com esse lado mais abstracto do filme: responde também, em igual medida, aos seus elementos mais concretos e narrativos. Graças a um trabalho tímbrico extraordinariamente detalhado, próximo da noção de “música concreta instrumental” de Lachenmann, faz frequentemente da música uma espécie de sonoplastia, mimetizando, na orquestra, sons directamente sugeridos pelos elementos visuais do filme (como a tempestade, os sinos ou o relógio). É neste contexto que dá também corpo sonoro à guitarra, um instrumento que aparece muitas vezes no filme e que vem traduzido musicalmente de forma bastante directa, já que ouvimos mesmo uma guitarra na orquestra.

De acordo com o compositor, há ainda uma outra função da música no filme: sugerir “tudo o que tem que ver com o mundo da psique, com o mundo da natureza, nessa perspectiva de revelação de que falava o próprio Epstein”. Sánchez-Verdú relaciona essa vertente mais subtil, profunda e invisível com o aspecto sobrenatural e fantasmagórico de um filme em que nos encontramos “num mundo de espíritos, não de pessoas vivas”. Assim justifica até a diferença da sua abordagem neste filme face à que havia seguido numa outra banda sonora, composta entre 2002 e 2003, para um outro filme mudo (ainda mais) célebre: o já referido *Nosferatu* de F. W. Murnau. Para esse filme, havia optado por uma abordagem mais directa, traduzindo certos elementos da narrativa como *Leitmotive* musicais: o vampiro, por exemplo, vinha consistentemente associado

ao acordeão. Em *A Queda da Casa de Usher*, a abordagem tende a ser mais poética, menos estritamente narrativa.

Esta banda sonora foi resultado de uma co-encomenda da Casa da Música, do Festival de Stresa (em Itália) e da Real Filharmonia de Galicia. Depois de ter sido estreada em Stresa, em 2019, e tocada em Santiago de Compostela, em 2020, ouvimo-la hoje, finalmente, em Portugal.

DANIEL MOREIRA, 2022

Brad Lubman direcção musical

Brad Lubman, maestro e compositor norte-americano, conquistou reconhecimento internacional pela versatilidade, técnica e interpretações criteriosas que o caracterizam há mais de duas décadas. É frequentemente requisitado pelas orquestras mais relevantes da Europa e dos Estados Unidos, e tem sido bem-sucedido em estabelecer parcerias regulares com vários agrupamentos, incluindo a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sinfónica WDR e a Sinfónica Alemã de Berlim. Além da sua preenchida agenda na Alemanha, recebe convites para dirigir importantes orquestras ao nível internacional, como a Orquestra do Concertgebouw, a Sinfónica de São Francisco, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Filarmónica della Scala e a Sinfónica de Xangai. Além disso, tem trabalhado com alguns dos mais pujantes ensembles europeus e americanos no âmbito da música contemporânea: Ensemble Modern, London Sinfonietta, Klangforum Wien, Ensemble MusikFabrik, Ensemble intercontemporain, Ensemble Resonanz, Los Angeles Philharmonic New Music Group e Steve Reich and Musicians são alguns exemplos.

Depois de ter recentemente dirigido orquestras de grande projecção internacional — a Filarmónica NDR, a hr-Sinfonieorchester, a Sinfónica da Rádio de Berlim, a Filarmónica da Radio France e a Sinfónica da BBC —, na temporada de 2022/23 Brad Lubman colabora com a Sinfónica SWR, a Filarmónica do Luxemburgo, a Filarmónica de Los Angeles e a Orquestra de Câmara de Paris, tendo ainda entre os seus compromissos a direcção da Orquestra Tonkünstler (no Festival de Grafenegg) e da Orquestra de St. Luke (em Nova Iorque, no Verão de 2023).

Brad Lubman é fundador e director musical do Ensemble Signal, com sede em Nova Iorque. A gravação de *Music for 18 Musicians* de Reich para a Harmonia Mundi foi distinguida com um Diapason d'or em Junho de 2015 e esteve nos Billboard Classical Crossover. Na Primavera de 2019, dirigiu o ensemble na estreia de *Reich/Richter* de Steve Reich, integrante do projecto *Reich Richter Part*, na inauguração do The Shed, um espaço dedicado às artes em Nova Iorque. É também professor de direcção de orquestra e ensembles na Eastman School of Music em Rochester, bem como no Bang on a Can Summer Institute.

Tem discos editados por várias discográficas: Harmonia Mundi, Nonesuch, AEON, BMG/RCA, Kairos, Mode, NEOS e Cantaloupe. Em 2017, foi Compositor em Residência no Festival de Grafenegg; as suas composições foram interpretadas por formações aclamadas como a Orquestra Tonkünstler da Áustria e por músicos da Filarmónica de Los Angeles. Em 2020, foi estreada uma nova peça que escreveu para Rudolf Buchbinder, que a tocou no Musikverein de Viena e a gravou para a Deutsche Grammophon.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Digitópia projecção

A Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. O seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Violino I

Álvaro Pereira
Emil Chitakov*
Radu Ungureanu
Emília Vanguelova
Roumiana Badeva
José Despujols
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Ianina Khmelik
Joana Machado*
Tomás Costa*
Raquel Santos*

Violino II

Nancy Frederick
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Catarina Martins
José Paulo Jesus
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Jorman Hernandez*
Pedro Carvalho*
Catarina Resende*

Viola

Mateusz Stasto
Emília Alves
Jean-Loup Lecomte
Rute Azevedo
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Theo Ellegiers

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Aaron Choi
Burak Özkan*
Miguel Braz*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*

Clarinete

Carlos Alves
Frederic Cardoso*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner

Trompa

Nuno Vaz
Bohdan Sebestik

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Dawid Seidenberg
Jorge Freitas*

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

Piano

Luís Duarte*

Guitarra

Pedro Rodrigues*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

